

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/362750935>

Quelimane: Nostalgia sem Melancolia

Chapter · August 2022

CITATIONS
0

READ
1

1 author:



[António Alberto da Silva Francisco](#)

Eduardo Mondlane University

302 PUBLICATIONS 563 CITATIONS

SEE PROFILE

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



Gerontogrowth, demographic transition and social protection [View project](#)



Cash Balances [View project](#)



Quelimane – Nostalgia sem Melancolia¹

Ao aceitar o inesperado, mas gentil e agradável convite para partilhar o meu testemunho sobre a cidade onde nasci, vi-me forçado a decidir primeiro sobre dois aspetos. Posicionar-me entre sentimentos muitas vezes misturados e confundidos: nostalgia e melancolia. Discordando daqueles que ojerizam a nostalgia, entendida como querer voltar para um lugar que nunca existiu, a isto chamo melancolia – saudade mal-humorada, ressentimento ou profunda tristeza pelo que não vivi.

Ao ler os textos da primeira edição do livro *Quelimane, uma história cheia de histórias*, senti-me aliviado em relação aos dois sentimentos que acima refiro. A generalidade dos testemunhos exprime uma nostalgia saudável, desinibida, sem melancolia e, nos casos em que esta se manifesta, mínima. É fantástico, porque não senti que a exaltação de bons momentos e experiências agradáveis visasse escamotear e desvalorizar os maus momentos vivenciados pelos quelimanenses, em diversas circunstâncias, por vezes trágicas, nos 79 anos de existência da sua cidade. Também é animador se a recente restauração da igreja de Nossa Senhora do Livramento, mais conhecida por Catedral Velha, servir de estímulo para renovar a esperança de Quelimane e a província da Zambézia resgatar o enorme passado empreendedor e inovador que tem pela frente.

¹ António Francisco, «Quelimane: Nostalgia sem Melancolia», em *Quelimane, Uma história cheia de histórias*, ed. Abdul Carimo, António Barros, e António Leitão Marques, 2ª (revista e atualizada) (Lisboa: Câmara de Comércio Portugal Moçambique, 2022), 47–51.

O segundo aspeto é sobre o foco deste testemunho. Considerando o limitado espaço reservado a este texto, em vez de partilhar uma estória mais ou menos incomum ou divertida, aproveito a oportunidade para render uma singela homenagem às duas pessoas que fizeram de mim quelimanense e moldaram a minha identidade e valores pessoais. Uma homenagem extensiva ao grande contingente de trabalhadores anónimos portugueses que se envolveram no fomento rural zambeziano em que se alicerçou o pequeno espaço onde nasci.

1. O exemplo começa no berço

Quis o destino que os meus progenitores aderissem à vaga migratória, entre a segunda metade do século xx e o golpe de Estado na ex-metrópole colonial em abril de 1974. Desconheço as razões específicas que motivaram António Francisco, de quem herdei o nome e o apelido, a migrar para Moçambique, com 24 anos de idade.

Desembarcou em Quelimane em 1947, disposto a fixar residência e a adaptar-se às conveniências do emprego na região do Vale do Zambeze. A 15 de outubro do mesmo ano, conseguiu o seu primeiro emprego na Societé du Madal, empresa fundada em 1903 pela família Bobone, que mudou nesse mesmo ano a sua denominação para Sociedade Agrícola do Madal.

Na década que antecedeu o meu nascimento, o meu pai voltou à sua terra natal, São Cipriano, e casou com Maria Augusta Sequeira, em outubro de 1951, tendo regressado ambos a Moçambique. Nasci a 27 de maio de 1958 no hospital de Quelimane. A partir daí, a minha infância e adolescência distribuíram-se entre Quelimane e as extensas estações de palmares localizadas na alta e na baixa Zambézia: Bajone, Tacuane, Gurai, Lugela, Magodo-Micaune, Inhassunge e Inhangulúè.

Na idade escolar, o meu pai colocou os filhos no Lar de Empregados da Madal, um pequeno edifício junto à Escola Primária Vasco da Gama, a Casa Bulha e o edifício onde funcionava a antiga Fazenda e outros serviços públicos em Quelimane. Um lar masculino para filhos de empregados provenientes de Portugal ou com estatuto de “assimilados” que eram colocados nas estações agrícolas. Em 1972, os meus pais optaram por tirar os três filhos do Lar e por alugar uma flat na capital da Província, onde fomos viver com a nossa mãe.

Em 1977, uma decisão do Governo em concentrar o ensino pré-universitário na capital de Moçambique fez com que antecipasse a minha partida para Maputo, integrando o primeiro grupo de estudantes do chamado “Centro 8 de Março”, alojado nas instalações do Colégio

Pio XII, uma das instituições educacionais abrangidas pelas nacionalizações, decretadas em 24 de julho de 1975. Desde então, passei a visitar os meus pais em Quelimane nas férias escolares. Visitas que se tornaram esporádicas, depois de 1984, ano em que os meus pais regressaram definitivamente a Portugal.

Em retrospectiva, dos 18 anos que vivi em Quelimane, ou entre esta cidade e as diversas localidades da Zambézia onde o meu pai foi colocado, guardo na memória uma imensa gratidão pela infância e adolescência privilegiadas que os meus pais me proporcionaram. Fizeram-no sem reservas, enfrentando por vezes privações e dificuldades que escondiam dos filhos, sem lhes cobrar nada em momento algum. Pelo contrário, nos momentos decisivos da nossa vida, revelaram sempre um elevado espírito de tolerância e respeito pelas nossas escolhas individuais, como, por exemplo, quando optámos pela nacionalidade moçambicana, seguindo o critério de *jus soli*, em vez de *jus sanguinis*.

Herdei dos meus pais uma matriz de valores e princípios morais, suficientemente harmonizados para não ter dificuldade em conciliar a formação académica que adquiri fora de Quelimane (Maputo e Canberra, na Austrália) com os valores familiares e profissionais.

2. Uma cidade com um enorme passado pela frente

Não pretendo neste testemunho exaltar a minha terra natal, em detrimento de outras cidades moçambicanas. As elevadas qualidades de urbanidade do que poderá ser entendido por uma alma quelimanense, algumas hoje tão fragilizadas e vandalizadas como aconteceu com a Catedral Velha, não serão restauradas por via de um qualquer espírito tacanho ou paroquialismo provinciano.

Desde que ascendeu à categoria de cidade a 21 de agosto de 1942, Quelimane viveu mais tempo na independência (46 anos) do que na dependência (33 anos) da administração colonial portuguesa. Este detalhe clama por uma grande reflexão, mas noutra ocasião. A este nível, o que pretendo sublinhar é a minha gratidão pelo facto de Quelimane se ter revelado suficientemente acolhedora e promissora, motivando os meus progenitores a escolherem aquele pequeno espaço urbano como berço da minha infância e adolescência. Igual sorte não poderei dizer em relação aos seus netos, os meus dois filhos – um a viver em Canberra (Austrália) e o outro em Santa Bárbara (Califórnia).

Por falar de Califórnia, recordo-me de um dos estudos que fiz na primeira década deste século sobre a reabilitação do Vale do Zambeze (com uma área de 228 mil km², cerca de 28 % da superfície do país). Ao tomar consciência do imenso potencial que estava a ser desperdiçado,

fiz e continuo a fazer um grande esforço para não me deixar tomar pela melancolia de saber que nasci numa região que poderia ter-se convertido numa “Califórnia” da África Austral.

O rápido crescimento e o dinamismo de Quelimane e de outras cidades e vilas do Vale do Zambeze (como Beira, Manica, Tete, Mocuba, Gurué, Milange) deveram-se ao fomento modernizador do mercado rural por milhares trabalhadores agrícolas como o meu pai, realizado nas três décadas que antecederam a independência em 1975. Um período em que a agricultura comercial privada se converteu no motor fundamental da economia moçambicana.

A recente restauração do edifício da Catedral Velha, após longos e penosos anos de abandono e degradação que pareciam irreversíveis, converte-se agora num notável símbolo do enorme passado que Quelimane e a Zambézia têm pela frente.

Se não for possível reabilitar as extensas plantações de palmares e chá que chegaram a disputar o pódio dos melhores do Mundo, vale a pena seguir o exemplo da sábia decisão de reconversão da Catedral Velha num centro cultural adaptado à realidade atual e aos desafios futuros. Quelimane precisa de muitos outros exemplos inclusivos e abrangentes, ao serviço da população da Zambézia, como espaços de promoção de tolerância, fraternidade, paz, liberdade individual, geração de riqueza e inovação, assentes numa genuína liberdade económica.

António Alberto da Silva **Francisco** nasceu em Quelimane em 27 de Maio de 1958. É professor catedrático e director-adjunto de Investigação e Extensão da Faculdade de Economia da Universidade Eduardo Mondlane (UEM). Frequentou o ciclo preparatório do ensino secundário na Escola Preparatória Masculina e o Liceu João de Azevedo Coutinho de Quelimane até 1976. Em Maputo, frequentou o Pré-Universitário e a Faculdade de Economia, onde se licenciou em Economia (1987). Frequentou e obteve o Mestrado (1990) e o Doutoramento em Demografia (1997) na Universidade Nacional da Austrália, em Canberra. Fora da Universidade, foi membro fundador e director de investigação do Instituto de Estudos Sociais e Económicos, entre 2007 e 2019 e é presentemente consultor independente.

Esta é a nossa história para a cidade que faz do amor e que todos dizem que faz muito mais, em paz e prosperidade, para as suas famílias. Queremos ir para lá com a saúde, como escreve Horácio Quiroz e a Melo, mas não "uma permanente fonte de inspiração".

Que as suas palavras voltem a crescer num ambiente saudável, que as suas famílias e vossas possam viver saudáveis e qualificar-se para enfrentar os desafios, de tecnologia, de humanidades, que todos e todas possam ter esperança num futuro melhor e, sobretudo, dispor em dos meios e das condições de liberdade pessoal, política e religiosa para poder fazer parte de tudo, na cidade, no país, que nos unem nesta publicação dedicada à cidade de Quelimane, na província de Zambézia, em Moçambique - terra de herança partilhada por todos nós.

Maria Manuel Leitão Marques



Maria Manuel Leitão Marques nasceu em 1958, em Quelimane, e foi deputada do Parlamento da Moçambique em 1996 e 2005. Foi também deputada do Parlamento da República Portuguesa em 2005 e 2009. Foi membro do Conselho de Regulação do Mercado de Valores Mobiliários em 2005 e 2009. Foi também membro do Conselho de Regulação do Mercado de Valores Mobiliários em 2005 e 2009.



A receita da verdade é opacidade perante parte Associação dos Bess Streets.

OPTOCENTRO
Luzes para a vida

ccpm

Associação dos Bess Streets

1120214

Quelimane, uma história cheia de estórias

realização
Maria Manuel Leitão Marques

patrocínio
Abel Carlos, António Barros e António Leitão Marques

COM INVOCÇÕES DE
Abel Carlos, Alfredo Aires Teller, Alvaro Cabrita, António Barros, António Francisco, António Leitão Marques, Bruna Bobone, Celso Gomes, Constança Soares, D. António Ludovino, D. Diamantina Antunes, D. Hilária Moutinho, Erika Pinto, Edmundo Pires, Eduardo C. Wilks, Fabia Masetta Pires, Fátima Ribeiro, Fernando David Nunes, Genesio, Hélder Araújo, Ilda Maria, Henrique Correia e Melo, Hélder Patrício, Irene Soares, João Domingos, Joaquim Tobias Del, José Fernando, Luís de Matos, Luísa (Amélia Melo), Lourdes de Oliveira, Lúcia Maria Ribeiro, Maria João Ribeiro, Manuel de Araújo, Miguel Luís José, Pedro Barbosa Soares, Rui Moreira da Carvalho, Rui Matos, Sílvia Abubá, Stewart Sabina, Vítor Beiro, Vítor Moreira, Yvnest Simão



Abel Carlos Marques nasceu em Quelimane em 1958, em 1984, foi deputado do Parlamento da Moçambique em 1996 e 2005. Foi também deputado do Parlamento da República Portuguesa em 2005 e 2009. Foi membro do Conselho de Regulação do Mercado de Valores Mobiliários em 2005 e 2009. Foi também membro do Conselho de Regulação do Mercado de Valores Mobiliários em 2005 e 2009.



António Barros nasceu em Quelimane em 1958, em 1984, foi deputado do Parlamento da Moçambique em 1996 e 2005. Foi também deputado do Parlamento da República Portuguesa em 2005 e 2009. Foi membro do Conselho de Regulação do Mercado de Valores Mobiliários em 2005 e 2009. Foi também membro do Conselho de Regulação do Mercado de Valores Mobiliários em 2005 e 2009.



António Leitão Marques nasceu em Quelimane em 1958, em 1984, foi deputado do Parlamento da Moçambique em 1996 e 2005. Foi também deputado do Parlamento da República Portuguesa em 2005 e 2009. Foi membro do Conselho de Regulação do Mercado de Valores Mobiliários em 2005 e 2009. Foi também membro do Conselho de Regulação do Mercado de Valores Mobiliários em 2005 e 2009.

